

Serra do Pilar,
19 janeiro 2023

www.serradopilar.com



na Morte do Pe. Arlindo

vigília

Em jeito de introdução...

«A Liturgia está atenta a todas as grandes questões da vida do Homem. Também a Morte. Porque a Liturgia celebra a vida do Homem baptizado e iluminado pela Fé: e a Morte faz parte da Vida. A Liturgia, portanto, verdadeira Escola da Fé na atenção à Vida, não poderia perder esta sua perspectiva.

[...] a Morte. Todos sabemos que ela faz parte da Vida. Mas todos o esquecemos. Para nós, cristãos, nem o cuidado da Liturgia é bastante. Mas para lá de todos os seus esforços, aí está a Morte, de vez em quando a entrar pela porta dentro ou a vir ter com os mais próximos, a lembrar.

E, para lá das suas atenções genéricas, aí está a Liturgia a associar-se às celebrações concretas da Morte dos Cristãos.

E o que é celebrar a Morte de um Cristão?

A Morte é o momento supremo da Vida. Tal vida, tal morte. Os que viveram para si, morrem para si. Os que vivem para as coisas, para o seu eu, para as suas preocupações e desejos, para as suas ambições, morrem para si e com eles as suas ilusões. Para esses, a morte é um fim. Triste vida, triste morte!

Mas aos Cristãos é dado o sinal de Cristo: não viveu para si, não morreu para si. Jesus não viveu para si mas para Deus e para os homens. Ele era o Enviado de Deus, a

Missão, o Verbo, a Palavra. E a Missão cumpriu-a até ao fim. Morrer foi para ele

continuar a cumprir. E, por isso, quando morreu, não perdeu, ganhou. Aliás, que tinha ele a perder?

Ao celebrar, portanto, a morte de um Cristão é a sua Vida que celebramos. Vida

exemplar, vida de maior na fé, irmão mais velho que passou já por essa hora suprema

(de resumo e libertação) que é a Morte.

Mas celebrar a Morte é também, num gesto eloquente, dar o cadáver à terra: «*Lembra-te, ó Homem, que és pó e em pó te hás-de tornar*». A cultura e os hábitos sociais afunilaram neste gesto a celebração da morte, tornando-a algo de muito «fúnebre», o que nem sempre traduz a esperança de que estão carregadas a Igreja e a própria Liturgia da Morte...».

(Pe. Arlindo, na *Celebração no 9º dia da Morte da Mãe Eulália*,
21-06-1986)

Cântico inicial

**Luz terna suave, no meio da noite,
Leva-me mais longe...
Não tenho aqui morada permanente:
Leva-me mais longe...**

Que importa se é tão longe, para mim,
A praia aonde tenho de chegar,
Se sobre mim levar constantemente
Poisada a clara luz do teu olhar?

Nem sempre Te pedi como hoje peço
Para seres a luz que me ilumina;
Mas sei que ao fim terei abrigo e acesso
Na plenitude da tua luz divina.

Esquece os meus passos mal andados,
Meu desamor perdoa e meu pecado.
Eu sei que vai raiar a madrugada
E não me deixarás abandonado.

Se Tu me dás a mão, não terei medo,
Meus passos serão firmes no andar.
Luz terna, suave, leva-me mais longe:
Basta-me um passo para a Ti chegar.

(Hino de Completas da Liturgia das Horas)

Pensamento

O fim que nos interroga

«A morte não é um problema. É uma certeza que nos afecta desde o principio e que foge totalmente ao nosso conhecimento. Na verdade, é um momento único de cada indivíduo que será (é) vindo na singularidade de cada um. Esta certeza da finitude (Françoise Dastur) é que acrescenta de modo indelével uma necessidade de sentido. A essa busca podemos responder com uma angústia adiada pelas preocupações do dia-a-dia; ou pelas grandes obras de que também as criaturas são capazes e, assim, tentar escapar á mortalidade; um silêncio contemplativo diante dum vazio que agiganta o mistério; ou uma resignação ao nada que desvaloriza todo

o ímpeto de vida; ou, finalmente, semeia uma esperança de que somos bastante mais do que conhecemos e uma plenitude nos espera para nos completar.

Diz-se que o homem é a única criatura que sabe que acaba na morte. Muito antes de morrer se sabe mortal. Se não temos directamente essa experiência é porque ainda «não chegou a nossa hora». Contudo, a proximidade da morte quando chega para os que fazem parte de nós, obriga-nos a experimentá-la mais de perto, a enfrentá-la face a face, quer seja para fugir dela, quer para nos deixarmos interrogar pela sua presença persistente. Mais ainda, os sinais da nossa fragilidade, o claudicar, paulatino ou acelerado, do nosso corpo, da sua organização e funcionamento, são também sinais da nossa finitude, sinais duma fragilidade que não controlamos e nos assusta pela redução progressiva da vida de que somos portadores, o que acontece de modo natural ou na surpresa da doença.

[...]

A nossa finitude não suporta a Vida na Sua plenitude e por isso temos que abandonar aquilo que é finito, que tem fim, para guardarmos em nós tudo aquilo que é eterno: o espírito, a relação com os outros, os sentimentos que também nos vêm pelos cinco sentidos, tudo o que somos sem nada se perder, até essa nossa certeza de que somos finitos vai para a eternidade para nunca substituímos Deus como a única fonte de Vida. Não se trata de nos endeusarmos, como faziam os gregos com os seus heróis. Antes de receber de Deus o cumprimento de nos completar por Ele.

A morte transforma-se assim não numa tragédia insuportável, nem num absurdo redutor, nem tão pouco como um resignado e desconfiado sentir, mas numa metanóia, numa última e derradeira conversão (Adriaan Peperzak), na verdadeira transformação do que somos naqueles que estamos chamados a ser. Mas isso não será só obra nossa. Se esse «acabamento» depende de nós, das nossas decisões fundamentais, da nossa liberdade em encontrar o amor, como súpula de todos os bens, ele vem de Deus, o único que pode acabar o que Ele mesmo começou.

Assim, a morte não é um problema mas é um momento chave a viver. Pode-nos assustar a aproximação do fim mas não podemos nem queremos fugir a esse fim porque é o caminho para nos tornarmos completos. É um convite a sermos mais humanos, mais próximos dela, e um desafio para nos deixarmos transformar, darmos ao Criador a possibilidade de terminar a Sua Criação».

(In Morreste-me. A morte e a esperança cristã.

Porto: Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura, 2010)

Salmo (Sl 129)

**O Senhor é o meu refúgio:
n'Ele está minha esperança.**

Tanta guerra me fizeram desde a minha juventude!
Que o diga o povo de Israel.
Tanta guerra me fizeram
desde a minha juventude!

Mas não conseguiram vencer-me.
Como se fossem agricultores,
lavraram as minhas costas,
abriram-me profundos sulcos!

Mas o meu Senhor é justo
e libertou-me das cadeias.
Saíam ao peso da sua vergonha os inimigos de Sião
Sejam como a erva dos telhados:
antes de ser arrancada, secou!

Com ela não enche a mão o ceifeiro
nem os braços o que ata os feixes!
Com ela não dirão os que passam:
"Desça sobre vós a bênção do Senhor,
nós vos abençoamos em nome do Senhor!".

Desça sobre vós a bênção do Senhor!
Glória ao Pai que nos manifestou a sua Graça,
e revestiu o seu Filho com a Fraqueza;
Glória ao Espírito que levantou os fracos
para confundir a violência dos fortes!

Cântico

**Em Ti, Senhor, está a fonte da Vida:
na Tua Luz, veremos a Luz!**

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo João (Jo 11, 1...45)

Naquele tempo, estava doente certo homem, Lázaro de Betânia, aldeia de Marta e de Maria, sua irmã. Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume e Lhe tinha enxugado os pés com os cabelos. Era seu irmão Lázaro que estava doente. As irmãs mandaram então dizer a Jesus: «*Senhor, o teu amigo está doente*». Ouvindo isto, Jesus disse: «*Essa doença não é mortal, mas é para a glória de Deus, para que por ela seja*

glorificado o Filho do homem». Jesus era amigo de Marta, de sua irmã e de Lázaro. Entretanto, depois de ouvir dizer que ele estava doente, ficou ainda dois dias no local onde Se encontrava. Depois disse aos discípulos: *«Vamos de novo para a Judeia»*. Os discípulos disseram-Lhe: *«Mestre, ainda há pouco os judeus procuravam apedrejar-Te e voltas para lá?»*. Jesus respondeu: *«Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, se andar de noite, tropeça, porque não tem luz consigo»*. Dito isto, acrescentou: *«O nosso amigo Lázaro dorme, mas Eu vou despertá-lo»*. Disseram então os discípulos: *«Senhor, se dorme, estará salvo»*. Jesus referia-se à morte de Lázaro, mas eles entenderam que falava do sono natural. Disse-lhes então Jesus abertamente: *«Lázaro morreu; por vossa causa, alegre-Me de não ter estado lá, para que acrediteis. Mas vamos ter com ele»*. Tomé, chamado Dídimo, disse aos companheiros: *«Vamos nós também, para morrermos com Ele»*.

Ao chegar, Jesus encontrou o amigo sepultado havia quatro dias. Betânia distava de Jerusalém cerca de três quilômetros. Muitos judeus tinham ido visitar Marta e Maria, para lhes apresentar condolências pela morte do irmão. Quando ouviu dizer que Jesus estava a chegar, Marta saiu ao seu encontro, enquanto Maria ficou sentada em casa. Marta disse a Jesus: *«Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus Te concederá»*. Disse-lhe Jesus: *«Teu irmão ressuscitará»*. Marta respondeu: *«Eu sei que há-de ressuscitar na ressurreição do último dia»*. Disse-lhe Jesus: *«Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em Mim, ainda que tenha morrido, viverá; e todo aquele que vive e acredita em Mim nunca morrerá. Acreditas nisto?»*. Disse-Lhe Marta: *«Acredito, Senhor, que Tu és o Messias, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo»*. Dito isto, retirou-se e foi chamar Maria, a quem disse em segredo: *«O Mestre está ali e manda-te chamar»*. Logo que ouviu isto, Maria levantou-se e foi ter com Jesus.

Jesus ainda não tinha chegado à aldeia, mas estava no lugar em que Marta viera ao seu encontro. Então os judeus que estavam com Maria em casa para lhe apresentar condolências, ao verem-na levantar-se e sair rapidamente, seguiram-na, pensando que se dirigia ao túmulo para chorar. Quando chegou aonde estava Jesus, Maria, logo que O viu, caiu-Lhe aos pés e disse-Lhe: *«Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido»*. Jesus, ao vê-la chorar, e vendo chorar também os judeus que vinham com ela, comoveu-Se profundamente e perturbou-Se. Depois perguntou: *«Onde o pusestes?»*. Responderam-Lhe: *«Vem ver, Senhor»*. E Jesus chorou. Diziam então os judeus: *«Vede como era seu amigo»*. Mas alguns deles observaram: *«Então Ele, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito que este homem não morresse?»*.

Entretanto, Jesus, intimamente comovido, chegou ao túmulo. Era uma gruta, com uma pedra posta à entrada. Disse Jesus: «*Tirai a pedra*». Respondeu Marta, irmã do morto: «*Já cheira mal, Senhor, pois morreu há quatro dias*». Disse Jesus: «*Eu não te disse que, se acreditasses, verias a glória de Deus?*». Tiraram então a pedra. Jesus, levantando os olhos ao Céu, disse: «*Pai, dou-Te graças por Me teres ouvido. Eu bem sei que sempre Me ouves, mas falei assim por causa da multidão que nos cerca, para acreditarem que Tu Me enviaste*». Dito isto, bradou com voz forte: «*Lázaro, sai para fora*». O morto saiu, de mãos e pés enfaixados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhes Jesus: «*Desligai-o e deixai-o ir*». Então muitos judeus, que tinham ido visitar Maria, ao verem o que Jesus fizera, acreditaram n'Ele.

Cântico

**Em Ti, Senhor, está a fonte da Vida:
na Tua Luz, veremos a Luz!**

Um gesto (de despedida)...

Como cenas de um filme... da vida

O Encontro com a morte

[Cavaleiro] Quem és tu?

[A morte] Sou a morte.

[Cavaleiro] Vieste buscar-me?

[A morte] Ando contigo há muito tempo.

[Cavaleiro] Eu sei.

[A morte] Estás preparado?

[Cavaleiro] O meu corpo está, mas eu, não.

[A MORTE AVANÇA]

[Cavaleiro] Espera!

[A morte] Está bem, mas não posso adiar.

[Cavaleiro] Jogas xadrez?

[A morte] Como sabes?

[Cavaleiro] Eu já vi nas pinturas.

[A morte] Posso dizer que jogo muito bem.

[Cavaleiro] Não és mais esperta do que eu.

[A morte] Porque queres jogar comigo?

[Cavaleiro] Isso é problema meu!

[A morte] Está bem.

[Cavaleiro] Se eu vencer, viverei. Se for xeque-mate, deixar-me-ás em paz. [Tira à sorte a cor das peças e diz]: Tu jogas com as pretas.

[A morte] Bem a propósito, não achas?

(excerto do filme *O Sétimo Selo*, de Ingmar Bergman – 1956)

Pai-Nosso...

Poema-oração (final)

páscoa

tu conheces a nossa inexperiência
e nós a tua filantropia;
que as tuas duas mãos

que são o Verbo e o Espírito
nos ensinem os jardins da Páscoa
e do aberto

apesar do mal que também progride,
apesar dos desastres do tempo
e a cinzentez da morte

que a tua graça nos faça passar
da carne à água e ao Espírito,
tu que és a nossa saúde e a nossa alegria

José Augusto Mourão
O Nome e a Forma, p. 102

Ámen!

...e uma palavra final, a ressoar no silêncio

«A morte de Jesus é a expressão culminante e a verificação incontestável de toda uma vida de amor solidário e entrega generosa à causa do Reino. Jesus salvou-nos não pela sua morte, mas por uma vida que culminou na cruz, vida que *«não era possível que ficasse sob a morte»* (Act 2,24); *«por isso mesmo é que Deus o ressuscitou»* (Act 2, 32), diz Pedro à multidão no dia de Pentecostes.

Vamos celebrar a Páscoa, esta morte e a ressurreição que se lhe seguiu?»

(Pe. Arlindo, 31-03-2019)